

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: Refletindo sobre os aspectos da produção escrita em meio as formas de mediação pedagógica

Hildevânia da Silva Monte¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
hilda-monte02@hotmail.com

Cristiane de Fátima Costa Freire²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –

crisenem8@hotmail.com

Maria das Graças de Oliveira Pereira³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
E-mail: mary_ta_oliveira@hotmail.com

UERN

RESUMO: O trabalho com a linguagem escrita é um fator de grande relevância, para o aprendizado e para a formação dos sujeitos. Diante da dinamicidade que o ensino de Línguas representa, é importante observar que os recursos os quais utilizamos podem auxiliar de forma positiva para a nossa prática de ensino. Assim, este trabalho tem como propósito tecer algumas discussões a respeito da mediação pedagógica apresentada ao ensino, em especial, ao de Língua Portuguesa, levando em consideração a produção escrita dos alunos no contexto de sala de aula. Dessa maneira, sabemos que, hoje, além do livro didático, que é uma ferramenta importante para a ação pedagógica do professor, existem ainda novas maneiras de compartilhar o conhecimento que se configura nas novas tecnologias da informação. Nesse sentido, muitas são as lacunas deixadas para o aprendizado do aluno, e que, de forma necessária, precisa ser observado. A metodologia constitui-se em uma abordagem qualitativa tendo por base um estudo bibliográfico. Assim sendo, buscamos nesta pesquisa algumas respostas para as nossas inquietações concernentes ao desenvolvimento das ações docentes em meios aos recursos oferecido no contexto educacional. Nessa ótica, fomos buscar nos autores, que discutem sobre a temática, fundamentação para desenvolvermos a nossa escrita. Assim, após dialogarmos com as teorias defendidas pelos estudiosos mencionados, pudemos realizar um trabalho significativo possibilitando assim, alcançar os objetivos almejados. Esperamos, portanto, contribuir de forma qualitativa para o ensino aprendizagem de Língua Portuguesa, concernente ao trabalho com a Língua escrita e que, essas reflexões possam ser aprofundadas pelos demais pesquisadores do tema em estudo.

Palavras Chave: Ensino de Língua Portuguesa, produção escrita e tecnologias da informação

Introdução

Refletir sobre as maneiras de lidar com a produção escrita é um aspecto importante para o nosso contexto de ensino, tendo em vista que a linguagem é dinâmica e requer um olhar voltada para as formas de inserção no processo de ensino aprendizagem. Assim, esse trabalho se propõe a discutir sobre a importância de refletirmos sobre a mediação pedagógica no Ensino, com ênfase aqui, a Língua Portuguesa, uma vez que se leva em consideração a linguagem escrita. Nesta ótica,

as instituições de ensino têm como função possibilitar saberes e que estes saberes implicam o ato de escrever. E como se sabe é grande as dificuldades enfrentadas com materiais de apoio como o (LDPL) e por isso é louvável que se faça a análise e discuta paradigmas de ensino referentes às metodologias empregadas para o texto escrito.

Nesse sentido, vivenciamos, hoje, uma educação que está inserida nesse novo patamar tecnológico, em que as tecnologias da informação propiciam uma variedade de novas maneiras de se trabalhar o conhecimento. Assim é oportuno dizer que não podemos direcionar as nossas aulas sendo norteados apenas por aquilo que o livro didático nos propõe, mesmo sabendo que o livro é de muita importância para a ação docente, devemos fazer adequações necessárias para as nossas mediações pedagógica levando em consideração o que a tecnologia nos oferece para o melhor desempenho das nossas aulas

Para tanto, referindo-se ao Livro Didático faz-se necessário que os educadores e equipe organizadora do (LD) reflitam e conheçam os pontos negativos e positivos que abarcam este instrumento de trabalho e verifiquem a concepção de linguagem diante do processo interativo que caracteriza o ensino da linguagem em um sentido amplo. E como orienta Brasil (2008, p.21- 22) “se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo”.

É fundamental que a educação possibilite oportunidades de formação adequada para os seus profissionais docentes, para que possam, em suas ações cotidianas de sala de aula, fazer uso dos recursos para enriquecer o ensino aprendizagem e oportunizar os alunos, novas maneiras de acesso ao conhecimento disponibilizados em diversas formas.

Nesta perspectiva, na condição de educador, nós precisamos escolher técnicas que possam despertar, no aluno, o interesses pelas aulas e que façam com que a aprendizagem se concretize. Devemos trabalhar de acordo com os objetivos pretendidos para que não se perca a essência daquilo que estamos desenvolvendo. Assim, “A ênfase no processo de aprendizagem exige que se trabalhe com técnicas que incentivem a participação dos alunos; a interação entre eles, a pesquisa, o debate, o diálogo”. (Masetto, p. 143.2000)

Baseando-se nesses apontamentos e em outras discussões necessárias a respeito da mediação do ensino aprendizagem, este artigo se propõe a refletir sobre a mediação pedagógica apresentada ao ensino, em especial, ao de Língua Portuguesa, diante das novas ferramentas de ensino, levando em consideração a produção escrita dos alunos no contexto de sala de aula.

Para fundamentarmos as nossas discussões nós apoiamos nos apontamentos teóricos de Brasil (2008) que tece em seus textos a importância da linguagem diante da compreensão e produção de textos, Masetto (2000) que discute sobre as novas tecnologias e o processo de mediação pedagógica, Almeida (2005) sobre a importância do trabalho a partir das tecnologias, Grigoletto (1999) sobre o livro didático, Souza (1999) sobre a produção escrita, Geraldi (1997) falando a respeito da linguagem, Serafini (1995) sobre o ensino de Língua Portuguesa e demais teóricos que discutem a respeito do tema abordado.

Metodologia

Muitas são as indagações concernentes ao trabalho do professor diante da utilização de recursos que possam auxiliar o desenvolvimento de suas aulas no ambiente de ensino, de modo particular, os novos meios tecnológicos que, hoje, encontram-se imersos no contexto educacional. Para tanto, foi a partir dessas inquietações que surgiu a necessidade de fazermos uma análise sobre tal aspecto. O percurso metodológico ocorrido nesta pesquisa, com o propósito de alcançar os objetivos almejados, se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e explicativo. Para a revisão bibliográfica foram realizados estudos em artigos científicos e livros que contemplam a temática em estudo. Mediante a isso, dialogamos com alguns teóricos da área e tecemos as possíveis considerações para o desenvolvimento dessa investigação.

Resultados e discussões

A mediação pedagógica no ensino da produção escrita

É sabido que o livro didático é considerado uma importante ferramenta para o ensino, no entanto, muitas vezes é considerado um discurso que acaba por transformar o conhecimento do aluno em algo uniforme, em que apresenta características comuns no desenrolar das unidades que se não for adaptada e ampliada ao contexto situacional do aluno, implicará somente em uma mera transmissão de conteúdo. Neste caso, Grigoletto (1999, p. 68), “O livro didático é concebido como um espaço fechado de sentidos, e é dessa forma que ele se impõe, é normalmente atacado pelo professor”. No entanto, é esse fechamento dos sentidos que as possibilidades de ampliação do conhecimento se reduzem.

Nesse caso, entendendo o livro didático como um discurso de verdade, não é necessário descrições e justificativas a respeito dessa característica, pois no desenvolvimento do livro percebe-

se este fator com clareza tendo em vista o aspecto metodológico trazido pelo autor. Em Grigolletto (1999, p. 68) podemos ver que,

a esse respeito, é digno de nota o fato de o livro do professor trazer prefácios curtos, nos quais o autor geralmente não se entende em justificativas sobre a metodologia adotada ou os conteúdos privilegiados, como se tais aspectos já estivessem legitimados a priori. O professor recebe um “pacote” pronto e espera-se dele que o utilize. Ele é visto como usuário, assim como o aluno, e não como analista. Ele é um consumidor do produto, segundo as diretrizes ditadas pelo autor. Essa concepção de professor como consumidor e não construtor, como usuário e não analista pode ser inferida também por outra característica do livro do professor bastante difundida embora haja livros que não a sigam, que é a de apresentar as respostas a todos os exercícios.

Ainda seguindo o raciocínio crítico de Grigolletto (1999), os livros didáticos apresentam características que reduzem o raciocínio do aluno, tendo em vista seguir uma linearidade nos aspectos metodológicos, dados aos textos. No que diz respeito a concepção da escrita no ensino de Língua materna, com ênfase no trabalho abordado no livro didático, é oportuno dizer que esse conceito de escrita necessita apresentar clareza na medida de condicionar ao produtor de texto a criatividade. Nestes termos, Souza (1999, p.135) enfatiza que,

a produção de um texto escrito em contexto escolar sempre esteve relacionada à questão da acuidade linguística e da criatividade. Considera-se que um determinado aluno “sabe escrever” se ele for capaz de alcançar o domínio das estruturas e apresentar conteúdo coerente. A imagem de autoria veiculada na escola não leva em consideração a história de leitura e escrita do aluno (cf. ORLANDI, 1987). Cabe a este recorrer aos modelos de “boa escrita” apresentados na escola em busca de inspiração.

Assim, o aluno é conduzido a determinadas regras do “escrever bem”, pois essa escrita é algo minucioso em que o aluno precisa mostrar resultados eficientes. A escola torna a disciplina de língua Portuguesa um lugar demarcado e ainda tem-se a concepção de que um texto para a disciplina de Língua Portuguesa precisa está de acordo com determinados aspectos gramaticais sendo considerada assim, uma escrita qualitativa.

A habilidade da escrita é um processo que se constrói ao longo do contato com a leitura em que os gêneros textuais permeiam novos olhares sobre variadas temáticas, fazendo com que o leitor amplie o seu repertório de conhecimento e passe a aplicá-lo em sua escrita. Contudo, existe um entrelaçamento entre esses dois processos em que ambos serão produtivos para o perfil crítico dos

sujeitos em meio a absorção do conhecimento à temáticas discutidas nas aulas de língua portuguesa e ainda em outros ambientes.

A produção de textos no ensino de Língua Portuguesa, é vista como base que fundamenta o trabalho com a linguagem. Assim, o estudo da língua não deve ser feito de forma esfacelada em que se dividem termos e cria regras, podendo de certo modo omitir informações gratificantes as quais o aluno espera. De acordo Geraldi (1997, p. 105),

o trabalho com a linguagem, na escola, vem se caracterizando cada vez mais pela presença do texto, quer enquanto objeto de leituras quer enquanto trabalho de produção. Se quisermos traçar uma especificidade para o ensino de Língua Portuguesa, é no trabalho com textos que a encontramos. Ou seja, o específico da aula de português é o trabalho com textos.

Nesta ótica, é partindo dessa presença marcante do texto que se materializa o estudo da língua, uma vez que, se confrontam os pontos de vistas de aluno e professor em uma mediação que se faz valer a vivacidade da palavra atribuindo-lhe o valor que esta merece. Para tanto, hoje, evoluiu-se as maneiras de utilização dos textos dando ênfase as possíveis interpretações. É no momento da produção que o sujeito coloca em ação os seus posicionamentos e procuram articular de forma individual essas ideias gerenciando a organização de novos sentidos. No entanto, cada sujeito desenvolve a construção de novos discursos, tendo em vista ser baseado em outros já dito, mas com visões particulares diferentes.

O processo de escrita é algo que acontece de forma gradativa, pois o estudante a partir das experiências e do conhecimento da diversidade textual coloca em evidência o que pretende discutir através da escrita. Para essa prática cabe ao professor acompanhar a organização didática não incentivando a construções que se restrinja apenas ao que a escola exige como categorias de aprovação. O aluno precisa entender que o ato de escrever pressupõe objetivos que ultrapassam os bancos escolares. E como diz Serafini (1995, p. 20),

Na realidade um bom mestre deve ensinar aos alunos técnicas concretas de composição. Para muitos professores o ensino de português escrito coincide com o de gramática e classificação de orações. O estudante deve, portanto, adquirir sozinho as capacidades básicas para escrever um texto. O ensino de português escrito deve ao contrário, ser muito mais articulado.

Diante disso, o professor deve mostrar um entendimento plausível sobre as maneiras de ensinar a produção escrita, caso contrário o aluno não evolui o seu desempenho cognitivo e suas formas de argumentação não são colocadas em meio aos discursos. Assim, “A produção de um texto adequado resulta de um trabalho longo e difícil, que requer muito empenho”. (SERAFINI, 1995, p.

21) Com esse propósito, o produtor precisa elencar critérios de organização que resulte em uma forma de sustentação para o que será abordado no texto.

O ensino através do texto é uma maneira de trabalhar a língua enquanto objeto, e no entanto, muitas são as “aberturas” para o entendimento desse objeto. Muito se discute sobre esta visão, pois polêmicas são geradas por cada teoria que busca apresentar os objetivos do ensino de português. De acordo com Marcuschi (2008, p. 51),

que o ensino de Língua deva dar-se através de *textos* é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa, é também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCNs. A questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar texto.

Neste caso, a ideia de colocar o texto como ponto fundamental para o estudo da língua é um consenso firmado em pesquisas de muitos teóricos e ainda trazendo como respaldo as reflexões inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um documento, que rege o ensino de Língua Portuguesa. Diante da categoria de texto, muitos são os recursos que se pode abarcar, sendo que dessa forma, não se contempla limites de exploração, em qualquer dos aspectos inseridos no contexto linguístico. Conforme Marcuschi (2008, p. 52),

sabemos que um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas.

Muitas vezes, a proposta de trabalho com textos acaba fugindo do seu verdadeiro significado, que é manter a vivacidade da língua, desenvolvida nas mais variadas formas. Para tanto, mesmo sendo uma temática em constante discussão, parece ainda um processo arraigado em que as devidas adaptações não são feitas e o texto se manifesta apenas em seu sentido linear. Verifica-se em alguns casos, em meio a estudos já realizados, que a necessidade de organização da escrita é bem visível na escola, pois o aluno expõe as palavras soltas omitindo os valores e sentidos que o texto tem a retratar. Outro fator que deve ser considerado na escola é o trabalho da oralidade do aluno, tendo em vista que, é uma habilidade necessária ao seu aprendizado. Nesta ótica, dando ênfase a escrita, os (LDLP) demonstram resultados positivos quanto ao incentivo para que os alunos avancem na produção. Nestes termos Marcuschi (1999, p. 53) ressalta que “hoje a cena já está

bastante mudada com relação as última gerações de manuais didáticos, tendo em vista o processo de avaliação por parte do MEC no programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD)”.

Refletindo as ações docentes em meio as novas tecnologias da informação

Diante dos avanços tecnológicos nos quais nos deparamos, hoje, ainda vemos em nossos ambientes de trabalho um sistema que muitas vezes distancia o envolvimento do aprendiz com essas novas ferramentas. Esses fatores, em partes, são decorrentes de uma não formação adequada aos docentes em que em muitos momentos de suas aulas concentram-se em repassar o conhecimento e desconsideram os outros fatores que venham a auxiliar em sua prática de ensino. Assim, “O professor é formado para valorizar conteúdos e ensinamentos acima de tudo, e privilegiar a técnica de aula expositiva para transmitir esses ensinamentos”. (Masetto, p.134,2000). Dessa forma, tem – se a concepção de que para muitos profissionais, o fundamental é demonstrar o domínio dos conteúdos não importante de que modo compartilhar com os alunos.

Dessa maneira, muito se tem a refletir sobre a nossa prática de sala de aula, pois devemos entender que estamos imersos a uma nova modernização tecnológica e que a escola não pode desconsiderar, haja vista que os nossos aprendizes estão inseridos nesse contexto. Com certeza, a adaptação a esses recursos no desenrolar da mediação pedagógica facilitará a aprendizagem do aluno, levando em consideração que o professor organizará com maior dinamismo as suas aulas. Diante disso, Filho (2008) nos diz que,

A maioria das escolas nos dias de hoje ainda mantém seu ensino na oralidade e o uso da tecnologia do “giz” por professores, com alunos sendo meros ouvintes. O processo ensino aprendizagem depende do educador e do educando, pois é um processo compartilhado. [...] A prática docente deve ser orientada hoje a partir de uma nova lógica e uma nova cultura.

Sabemos que em muitas escolas há uma grande necessidade quanto a esses recursos, além disso aquelas que possuem não disponibilizam para que o professor possa utiliza-los, sendo relevante dizer ainda que estes profissionais pouco sabem manusear estes equipamentos para elaborar suas atividades e recusam-se a inserir em suas aulas.

De acordo com Caetano, (2012) “A maior parte dos professores usam as tecnologias mais frequentemente para uso pessoal do que para preparar materiais ou desenvolver atividades com os alunos”. Muitos são os docentes que desconhecem essas ferramentas como os *Softwares* por exemplo, e para isso é necessário um processo de formação que esclareça ao profissional da

educação como realizar suas atividades diárias com estas ferramentas tecnológicas que auxiliam na mediação do ensino.

Em meio a essa diversidade tecnológica, vale ressaltar aqui, a relevância de se trabalhar a linguagem escrita a partir de atividades organizadas através do *Software* Hot Potatoes J Close (atividade de lacuna). É um recurso que contribui bastante para dinamizar as aulas e assim proporcionar momentos de aprendizagem com maior produtividade tendo em vista que por meio dessas ferramentas podemos trabalhar com uma variedade de gêneros textuais.

Conclusão

Mediante as considerações feitas neste trabalho sobre o Ensino de Língua Portuguesa e a mediação pedagógico, com ênfase na produção escrita, é oportuno dizer que é de grande importância que o profissional da educação busque conhecer melhor os novos meios de trabalho com a linguagem escrita, pois como sabemos é algo fundamental para o desenvolvimento do aluno. Observamos que o Livro didático ainda é um recurso muito presente nos ambientes escolares, mas devemos salientar que, este, é um norte que serve para auxiliar o nosso trabalho em sala de aula.

Outro fator interessante que foi refletido se refere aos novos meios de compartilhar o conhecimento que se configura nas novas tecnologias da informação. São muitas discussões interessantes, em que são oferecidos novos conhecimentos que podem incentivar o professor para um fazer pedagógico mais dinamizado. Assim, considera-se que o professor precisa superar essa distância entre os recursos didáticos haja vista que, as tecnologias podem proporcionar uma educação de qualidade que tem como intuito formar seres humanos críticos e capazes de enfrentar os desafios do conhecimento que a sociedade impõe.

Dessa maneira, o aluno poderá desenvolver melhor as suas habilidades de escrita, uma vez que se depara com outras formas de buscar o conhecimento, como por exemplo, a participação em uma atividade que seja utilizado um *software*. A linguagem é algo fundamental na formação do ser humano e, portanto, precisa ser melhor articulada no contexto de sala de aula.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. Integração das **tecnologias**. **Salto para o futuro**. Brasília: MEC, 2005. (p.60 a 80)

BRASIL/SEMTEC. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2008

FILHO, Vicente Henrique de Oliveira. **As novas tecnologias e a mediação do processo ensino aprendizagem na escola. Disponível em:**

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.17/GT_17_03

Pesquisado em 11 de Novembro de 2016.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 4ª E. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIGOLETTO, M. Leitura e Funcionamento Discursivo do livro didático. In: CORACINI, M.J.R.F.(Org.). **Interpretação, Autoria e Legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. 1ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 67-76.

MASETTO, M. T. A mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. BEHRENS, M. A. (org.). **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. – Campinas, SP: papiros, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. 7ª. ed.- São Paulo: Globo, 1995.

SOUZA, D. M. Ideal de escrita e livro didático. In: CORACINI, M.J.R.F. (org.). **Interpretação, Autoria e Legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. 1ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.p. 135-140